



«Amoris laetitia»: para ler devagar!



Pe. Luís Marinho
Assistente Nacional
an@escutismo.pt



«Sobre o amor na família» é o assunto que ocupa o mais recente e muito esperado texto do magistério pontifício assinado pelo Papa Francisco no passado dia 19 de março. E é, desde logo, o seu título que ilumina e dá unidade a este “poliédrico” documento composto por 325 números: «A Alegria do Amor», constando, logo na abertura, que «a alegria do amor que se vive nas famílias é também o júbilo da Igreja» (n.º 1). Está assim dado o tom para um lúcido e luminoso olhar sobre a vida das famílias – das nossas famílias – onde todos nos podemos reconhecer, pois, «partindo das reflexões sinodais, não se chega a um estereótipo da família ideal, mas um interpelante mosaico formado por muitas realidades diferentes, cheias de alegrias, dramas e sonhos» (n.º 57).

O texto é fruto de um longo caminho sinodal de cerca de três anos que envolveu a Igreja inteira, através de duas consultas ao Povo de Deus, de duas assembleias sinodais e de imensos debates, mas está longe de ser um documento fechado, dado que «a complexidade dos temas abordados nos mostrou a necessidade de continuar a aprofundar, com liberdade, algumas questões doutrinais, morais, espirituais e pastorais. A reflexão dos pastores e teólogos, se for fiel à Igreja, honesta, realista e criativa, ajudar-nos-á a alcançar uma maior clareza.» (N.º 2) Este é, pois, o convite também para o CNE, empenhando-nos num processo de leitura atenta, diálogo e discernimento das questões que nos tocam tão de perto enquanto movimento eclesial de educação de crianças e jovens. E, de entre tantos aspetos que importa apro-

fundar, permito-me identificar três que me parecem mais relevantes para começar a receção deste importante documento:

- acreditar e promover com criatividade a beleza e dignidade do compromisso matrimonial: «Precisamos de encontrar as palavras, as motivações e os testemunhos que nos ajudem a tocar as cordas mais íntimas dos jovens, onde são mais capazes de generosidade, de compromisso, de amor e até mesmo de heroísmo, para os convidar a aceitar, com entusiasmo e coragem, o desafio do matrimónio» (n.º 40);

- cuidar de todas as famílias dos escuteiros, porque «atualmente, mais importante do que uma pastoral das falências é o esforço pastoral para consolidar os matrimónios e assim evitar as ruturas» (n.º 307), mas especialmente aquelas famílias marcadas por qualquer espécie de crise ou fragilidade, porque «a força da família reside essencialmente na sua capacidade de amar e ensinar a amar. Por muito ferida que possa estar uma família, ela pode sempre crescer a partir do amor» (n.º 53);

- compreender, perdoar, acompanhar, esperar e sobretudo integrar os casais e famílias que vivem as mais variadas «periferias existenciais» (n.º 312), num caminho de «responsável discernimento pessoal e pastoral dos casos particulares» (n.º 300).

Estou certo de que o CNE, sobretudo através dos seus Dirigentes, saberá participar, em comunhão com a Igreja, neste impulso novo de evangelização da família.

Começemos por ler devagar, estudar e dialogar sobre «A Alegria do Amor» que agora nos é oferecida. Um modo muito feliz de concretizar este Ano Santo da Misericórdia.